AMEAÇA AO REI

AMEAÇA AO REI

Hideraldo Montenegro

Recife
2008/2012

Hideraldo Montenegro
hideraldo2007@yahoo.com.br

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Diagramação: H.Montenegro
Capa: H.Montenegro
Revisão: H.Montenegro

ISBN e Ficha Catalográfica em andamento

Montenegro, Hideraldo, 1957 -
Ameaça ao Rei
p. 75

Romance

AMEAÇA AO REI

Dedico a
Baby (Mariinha),
uma grande
jogadora

PRETO E BRANCO

Um romance iniciático

-A dialética como dinâmica da evolução do espírito humano-

Medimos uma obra de arte por seu valor estético. Num romance, por exemplo, não basta uma boa história ou um bom enredo, a forma como isto é escrito é determinante também para definir sua qualidade.

Neste romance, ou melhor, nesta novela, os personagens não são descritos (podem ser qualquer um). Eles não têm idades, faces e nomes. Também a época e lugar que envolve os personagens não são definidos (pode ser em qualquer lugar ou em qualquer época). Há um caráter universal nos personagens que não são vestidos e caracterizados, exceto por suas ideias.

Nesta novela não existe uma história propriamente dita. Ela não gira em torno de um acontecimento ou de um fato que transcorra entre a opção do certo ou errado. E, é justamente essa condição insólita que a torna surpreendentemente contundente quando nos faz mergulhar no universo abstrato dos personagens. Temos a oportunidade de assistir imparcialmente o desenvolvimento do pensamento do personagem central narrador, contudo, parece que ele nos vai alfinetado nos transcorrer da narração e provocando uma empatia inquietante de suas ideias.

A personagem central diz não jogar e joga o tempo todo, inclusive com o leitor.

Embora, não seja inusitado o uso de certas colagens em literatura, o autor em alguns trechos da novela ousa inserir artigos, poemas e asserções místicos filosóficas e em alguns momentos o leitor fica na dúvida se está lendo um romance ou teorias artísticas, teológicas, místicas e filosóficas. Mas, isso só está nesta novela como está na vida. A narrativa não fica presa a estas inserções. Elas apenas fazem parte de trechos e não determinam ou mudam o curso do enredo, na verdade elas são provocações que vão se encaixando e provocando o leitor. Somos movidos pelo pensamento da personagem central e este se move pelas perguntas que vão surgindo. Na verdade, há apenas uma pergunta central: o que é a vida?

A personagem parece fugir desta resposta, mas ela ousa responder. Ou melhor, ela acha que o movimento da vida já impõe esta resposta e ela propõe o viver como forma de chegar-se à resposta.

A personagem central aponta a transcendência com via de apreensão da vida e uma destas vias transcendentes é a poesia. Para tanto, é necessário entregar-se ao viver, ou seja, é preciso viver plenamente para sentir a vida. Essa é a proposta e resposta do personagem central à pergunta do seu interlocutor.

Nem tudo que você pensa é verdadeiro, mas tudo que você sente o é.

O personagem central propõe o sentir como ferramenta para alcançar a resposta do que seja a vida. E, esta resposta é

intraduzível. Para entender a vida só se pode vive-la, senti-la. Não há uma resposta direta como numa pergunta: onde está a porta? A resposta é pessoal e intransferível. Só há uma forma de alcançá-la: vivendo-a.

As perguntas são usadas aqui como a dinâmica do personagem central e, sem se dá conta, ele é movido por elas. As perguntas obrigam o personagem a pensar por si mesmo e isto provoca as transformações e aberturas no posicionamento desse no tabuleiro da vida, ou melhor, a vida não é só contemplação, mas ação e, esta ação no pensamento, é produzida pelo questionamento, pela reflexão.

Há um contraponto entre os personagens e o jogo dialético entre ambos nos deixa vislumbrar alguma fresta de luz, como duas pedras se atritando e provocando faíscas.

O fato é que o "Fazedor de Perguntas", a personagem que interpela o personagem narrador, move este com suas inquietações e faz das indagações a dinâmica da própria evolução do personagem central, colocando-o num impasse consigo mesmo.

Aquele que senta à nossa frente é nosso espelho. O oposto igual a nós mesmos. Representa as nossas contradições e foco diverso do olhar.

Esta novela nos conduz pelo universo existencial e provoca em nós uma abertura. Assistimos o desenrolar do pensamento do personagem central e somos envolvidos por ele. Não saímos desta leitura da mesma forma que nela entramos. E, este é o mérito e importância da leitura desse romance que tem o pensamento como personagem central.